



CORREIO EDITORIAL
AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL
DE00712016CE



Gaiato

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

17 de Setembro de 2016 • Ano LXXIII • N.º 1892
Quinzenário • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes



MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

ÀS comemorações em nossa Casa dos sessenta anos da partida de Pai Américo, juntaram-se os vinte e cinco anos desta Casa. No dia 16, veio o Sr. Arcebispo que depois almoçou connosco. No Domingo foi o Sr. Núncio que presidiu à celebração. A Capela cheia com os nossos, mais todas as pessoas que trabalham na Fundação Encontro, ou são por ela beneficiadas. A homília do Sr. Núncio, não foi demorada, mas cheia de ensinamentos, muitos deles recolhidos nos livros de Pai Américo. Depois, foi a Celebração da nossa chegada a Moçambique, há vinte e cinco anos. Foi na Catedral. Presidiu D. Carlos. A Sé quase cheia, os nossos Rapazes aprimoraram-se nos cânticos e danças. Muitos Padres Amigos da Obra, Irmãs Religiosas. Transcrevo a sua homília:

«É uma honra e grande alegria para mim poder estar hoje a celebrar com todos vós esta Eucaristia, na qual recordamos e celebramos os 25 anos da volta da Casa do Gaiato a Moçambique. Com efeito a convite da Igreja de Maputo que expressava também um desejo do Governo para colaborar com a sociedade civil na reconstrução do tecido social, a Obra volta para Moçambique e reabre os seus trabalhos que se prolongaram até hoje. É assim que celebramos hoje os 25 anos desta maravilhosa presença da Obra da Rua. Por isso com afecto e gratidão por me terem convidado a partilhar convosco estes momentos saúdo o mais antigo a chegar a estas terras para implantar a Obra e a todos os demais membros presentes e ausentes desta família da Obra da Rua, popularmente conhecida como Casa do Gaiato. Convosco quero dar graças a Deus por este dom à Igreja, o testemunho corajoso que representais e que é gerador de santidade e amor no meio de nós. A vossa presença gratificante nesta Igreja, nesta Arquidiocese de Maputo marcada, por vezes, com

enormes sacrifícios, dificuldades e até provações foram sempre enfrentadas e superadas a partir de uma lógica da cruz e de Cristo, tal como Paulo nos recorda. De facto na primeira leitura que escutámos, Paulo nos sugere a uma conversão à lógica de Deus... faz-nos descobrir que a salvação, a vida plena, a felicidade sem fim não está numa lógica de poder, de autoridade, de riqueza, de importância, mas está na lógica na cruz — isto é, no amor total, no dom da vida até às últimas consequências, de gratidão de todos a todos os sacerdotes, colaboradores e demais membros que abraçaram o carisma do Padre Américo e continuam a Sua Obra por entre dificuldades, incompreensões

Continua na página 3

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

A dor de alguém que se preocupa com os outros, especialmente com os mais indefesos de si e dos outros, as crianças, chamou-nos a irmos conhecer um Rapaz numa fase decisiva da sua vida, perto da adolescência, em que depressa começará a cimentar o seu futuro caminho: ou o do crescimento sadio ou o do aniquilamento.

Certo é que nenhuma criança terá a capacidade para discernir estas duas vias que se apresentam à sua frente, especialmente aquelas que têm a rua como o seu habitat principal e a delinquência como o ar que lhe entra no corpo e na alma através de todos os sentidos.

Nestas circunstâncias, só alguém que lhe esteja próximo e simultaneamente descomprometido e preocupado, pode perceber o perigo a que a criança está sujeita, e lançar o alerta de que possa resultar a ajuda rápida para essa criança em risco.

Quando essa pessoa não existe, nem os familiares dão o alerta, a criança que anda entregue a si mesma, acabará nas mãos de quem lhe abrirá a porta para a sua perdição. Quantas nesta situação? Serão milhares nas nossas grandes cidades!?

Muitas estarão até sinalizadas, como é comum dizer-se, mas entregues a si mesmas até ao dia em que cometam um acto punido por lei. Nessa altura começarão a ter a sua biografia escrita e sublinhada com cores de rejeição.

Nós arrepiamo-nos só de pensar que alguém possa ficar de consciência tranquila e de coração pacificado, só por ter posto um sinal virtual sobre uma criança, e feito um relatório circunstanciado sobre a sua situação!, sabendo que os perigos continuam a rodeá-la e que estes, mais tarde ou mais cedo, se transformarão em factos consumados que a qualificarão de delinquente.

Quando sabemos e podemos fazer algo, vamos. Aliás, foi sobre este fundamento que Pai Américo assentou a Obra — somos para os que têm a sua vida em perigo. Trata-se de salvar vidas: «Ainda que fosse um só já teria valido a pena». Mas eles são tantos!

É fundamental agir antes que o mal crie nelas raízes. Depois será muito mais difícil anular este meio por onde vão beber a essa fonte as suas motivações. Temos tido casos em que isso acontece e os resultados são desoladores. É muito importante agir, repito, antes que optem pelo aniquilamento e seja possível mostrar-lhes o caminho para um crescimento sadio, confiadamente.

É uma graça haver quem se preocupe com o presente e o futuro das crianças em situação de perigo, o que só para quem está próximo delas é possível, e quem lhes possa deitar a mão para que não pereçam. Houvesse verdadeiro interesse pelo real interesse das crianças e muitas mais se salvariam, deixando cair tudo o que é falso interesse seu. □

VINDE VER!

Padre Quim

Amparo dos rejeitados

A identidade da nossa Obra está intimamente ligada à sua natureza, vocação e missão. No coração de Pai Américo, inundado de caridade, nasceu, por vontade Divina, uma Família para as crianças abandonadas, sozinhas, errantes, perdidas no tempo e no espaço. Somos o abrigo destinado a Rapazes sem ninguém ou para aqueles que tendo pai e mãe estão espiritualmente abandonados.

O «Cacinda» é um rapaz “especial”, veio para nossa Casa há três anos e, no princípio deste, foi adoptado por uma família, para nós desconhecida. O processo decorreu sob a orientação das ditas instituições do estado, ligadas à “assistência social”.

É nos primeiros anos de vida que a criança aprende a construir os afectos, a chamar mãe e pai àqueles que cuidam dela; e qualquer corte nesta fase, terá o seu impacto na vida adulta. O nosso pequenino foi levado sem ter contacto prévio com a nova família. Passados quatro meses regressou à nossa Casa pela mão da polícia, que o encontrou na rua, depois de ter fugido da casa onde vivia. Com as pessoas não se fazem experiências de filiação. Ou as amamos tal como são, com as suas limitações, ou as traumatizamos, ainda mais, com uma nova rejeição. E o estado actual torna-se pior que o anterior. O primeiro, abandonado pelos próprios pais; o segundo, rejeitado pelos que queriam ser seus pais. Há um quadro oculto de representações que orientam o comportamento, e quando este

é abalado, compromete o desenvolvimento saudável da criança.

À hora do almoço sentou-se à mesa com os seus antigos companheiros, qual felicidade nos seus rostos, qual *pródigo* voltando à vida. É um feliz habitante da nossa Casa. E aqui faremos com que seja um homem. Ajudamos o Rapaz a preparar-se para os desafios da vida. Não estamos vocacionados, especialmente para Rapazes com comportamentos anti-sociais, mas, sim, para aqueles que não têm onde “reclinar a cabeça”. Valorizamos as suas potencialidades e respeitamos as suas limitações. A santidade é obra da Graça. Os filhos não se escolhem segundo o critério da perfeição, amam-se tal como são concebidos. E se a ciência teima em querer seleccionar e prever o perfil que os pais desejam antes da criança vir ao mundo, é por injustiça ao Criador. E Deus viu que tudo que tinha feito era bom. É bom para estes pequeninos é ter também uma família que os acompanha em toda a sua vida.

Nestes degraus dolorosos da vida, aprendemos a subir com amor, para tocar as feridas dos pobres e abandonados. E Pai Américo na mais alta actualidade da sua pedagogia da Caridade brada aos nossos ouvidos com voz forte. «Senhor dos Céus! Deus escondido, que tudo sabes e tudo revelas! Debaixo das nossas telhas nós guardamos as histórias mais pungentes e mais humanas. Nos nossos dormitórios embalamos com lágrimas de ternura, as tragédias da pobre humanidade». □

Pelas CASAS DO GAIATO

BEIRE – Ai aquelas lágrimas do Nána!...

Um admirador

Começou pela Casa do Gaiato de Miranda do Corvo. Vindo de *Cadima* — Cantanhede. Desde os cinco anos que é nosso. Não conheceu a mãe. E o pai, que o ia visitar, morreu nove meses depois de ser acolhido na nossa Casa. Já vos falei dele a quando da morte do nosso saudoso Carlos Manuel Trindade — *Gaiatos que deixam rasto*, in O GAIATO, de 20-02-16. Desde que conheço o Nána, aqui na Casa do Gaiato de Beire, sempre me tocam os seus gestos de verdadeiro amor a *esta família que é a sua...* Tal como agora, ainda em convalescença, me tocam os muitos gestos de ternura dos rapazes para com ele e dele para com os rapazes. E, mais ainda, a sua festa de coração agradecido a quando do seu regresso aqui — sua *casa paterna*. Ontem, no fim de jantar, agarrado ao seu andarilho, chegou-se a mim e, bem encostado com a mão sobre os meus ombros, sussurrou-me ao ouvido: — *Não sei como lhe agradecer tudo o que fez por mim, para eu vir para baixo.*

Mesmo com acentuadas deficiências a nível da vista, do ouvido e da locomoção, o Nána é o *Chefe Maioral*, aceite e reconhecido por todos. Fala pouco, mas fixa-nos muito — olhos nos olhos, como a *escrava* da Escritura olhava o *seu senhor...* A adivinhar-lhe as vontades... Acho que, dentro das suas deficiências, o Nána goza de uma certa inteligência sensível e de um coração inteligente. Mas deixai-me contar-vos o caso das lágrimas. Porque, já mais que uma vez, as lágrimas do Nána me tocaram fundo. Deixam-me sempre a remoer esta nossa *fome de amor* que, tantas vezes e no dizer de muitos estudiosos do tema, toma também a forma de uma verdadeira *fome de pele...* E foi nesta minha experiência de ver as lágrimas do Nána, aqui, no Calvário, que recuei muitos anos atrás. Vi-me de novo apaixonado pelo *O Príncipezinho*, de Antoine de Saint-Exupéry — meu inesquecível companheiro de juventude, na

mesinha de cabeceira... Usava o original (francês) e decorei pedaços que não consigo traduzir capazmente. Sei que o final do cap. VII termina assim: *C'est tellement mystérieux, le pays des larmes*. Efectivamente, o país das lágrimas deixa-me sem jeito, tal é o seu mistério...

Se, paralelamente a certas páginas do Evangelho, gostais de compreender porque é que se diz que *a família é a pátria do coração*; se gostais de saber porque é que Pai Américo tanto insistia no sonho de fazer da *Obra da Rua uma família para os sem família*; se gostais de saber que, se há *laços de sangue* que são bem fortes, também há *laços de coração* que não lhe ficam atrás, pegai n' *O Príncipezinho*. Deixai-vos conduzir por ele. Compreendereis porque é que é tão importante (im+**POR-T**+ante...) **somar os laços de sangue com laços de coração...** Mas, *se faltar o sangue, que nunca falte o coração* — intuía Pai Américo. Ireis perceber o que é "apprivoiser" e porque é que, entre os homens, isso se tornou "une chose trop oubliée". Porque hoje tudo é "técnica", tudo é "ciência"... O *cativar, o prender por dentro, o criar laços do coração* (cap. XXI) escapa-se-nos. Mesmo quando lidamos com *peessoas com deficiência*, que tanto necessitam disso... Ireis perceber o que torna as coisas e/ou as pessoas **tão importantes** para o nosso equilíbrio interior (cap. VII). Mas, voltemos ao Nána:

Porque tem havido grandes avanços nas ciências e tecnologias da recuperação e nos apoios sociais para a ela termos acesso, conseguimos para o Nána uma intervenção cirúrgica de ortopedia. Tudo na mira de lhe proporcionarmos uma **melhor qualidade de vida**. Uma vez marcada a data de intervenção, brincávamos com ele dizendo que, *depois da operação*, ele iria *para o Calvário*. Reagia de imediato e sempre dizia que não queria ir. Que ficava cá em baixo na sua camarata e

que, *se já cuidaram de tantos (até do sr. Padre Baptista...)*, também agora cuidariam dele. E, quando a coisa lhe parecia a sério, os olhos dele enchiam-se-lhe de lágrimas. Todo ele falava de comoção crescente a estampar-se-lhe no rosto. Eu assegurava-lhe que os senhores Enfermeiros iriam decidir o que fosse melhor para ele. E que, se fosse para o Calvário, seria só por uns dias e logo o traríamos para baixo — para a *sua casa*, no seio da *sua família*...

Calhou que, na semana da operação, eu estive fora. E, como é natural, por parecer dos Enfermeiros, *o melhor para o Nána era ficar no Calvário*. Tudo razões muito *técnicas* e muito *científicas*. Sem colidir demasiado com as razões do coração. Entretanto, eu chego. Começo a observar o Nána, a ouvi-lo (*escutar-lhe os silêncios e aquele seu olhar fixado em nós!...*). Vejo e tento ouvir também os Enfermeiros. Parecia-me que, passados aqueles primeiros dias do *imediate*, já era tempo para *DIA+logar...* Pôr na mesa os dados da ciência e da técnica *versus* a força dos *laços do coração*. Porque alguém terá ouvido o Nána dizer que, *se ficasse ali muito tempo, assim sem conhecer ninguém e sem estar ali a fazer nada, qualquer dia...* Conheço o Nána o suficiente para não me assustar com possíveis chantagens emocionais, mas fiquei mais atento... Retomava o dialogar — com o Nána e com os enfermeiros. E experimentei na pele quanto *o diálogo é raro* — porque *tão difícil*. Esquemas mentais muito distintos. Vivemos encerrados nas nossas *razões*, tantas vezes sem RAZÃO. Esquecidos de que *o coração tem razões que a razão desconhece*. Por isso, tantas vezes, nos magoamos tanto e tão escusadamente. Com prejuízo de tantos e sem benefício de ninguém. O PRO+cesso de **human+iz+ACÇÃO** ainda não vai muito além da *lei da selva* — a *ver quem é o mais forte...* □



PAÇO DE SOUSA

Fausto Casimiro

RAPAZ NOVO — Veio um Rapaz do Sul para a nossa Casa do Gaiato de Paço de Sousa. Ele adaptou-se bem à nossa Casa e nós somos amigos dele e ele é também nosso amigo. Já está matriculado na escola onde andam a maior parte dos nossos Rapazes. Esperamos que ele venha a aproveitar bem o ano lectivo, assim como todos os outros Rapazes. Ele é um bom Rapaz, simpático, e que gosta de jogar as cartas connosco no nosso bar e futebol no campo.

CAMPO — O «Meno» tem feito as regas do milho e tratado da horta. O milho está a desenvolver-se bem, e mais tarde será para fazer silagem para o nosso gado. As nossas árvores de fruto também têm sido regadas porque o tempo vai muito seco.

Nasceu mais um vitelinho na nossa vacaria, que esperamos se desenvolva bem com o leite da sua própria mãe. Todas as manhãs e todas as tardes, o «Meno» faz a ordenha das vacas e dá a todo o gado a sua ração.

SERRALHARIA — O nosso serralheiro Mendão esteve a arranjar dois reboques dos tractores, um azul e um verde, para estarem prontos quando começar a silagem. Está um trabalho bem feito para que corra tudo bem ao trabalho dos tractoristas.

Fez também um assador para assar o peixe. Está a começar a fazer um corrimão para o acesso aos cicerones na casa-mãe.

VISITAS — Veio um grupo de jovens de Corim visitar-nos. O Bruno encarregou-se de ir-lhes mostrar a nossa Aldeia, e de lhes falar da nossa Obra. Também esteve connosco o antigo gaiato Azevedo, que vive no Brasil. Gostou de estar connosco, recordando a sua passagem como gaiato desta Casa. Prometeu regressar no próximo ano. Também cá esteve o antigo gaiato «Ameixa», com a sua família. Muitas outras pessoas nos visitaram, a quem agradecemos a sua amizade.

BATATINHAS — Os nossos «Batatinhas» depois das suas pequenas tarefas, vão brincar pelas ruas da nossa Aldeia, especialmente na avenida, com os seus *skates* e motoretas. Quando chega a hora da piscina vão todos dar os seus mergulhos. Outras vezes vão jogar futebol no campo, enquanto duram os seus tempos livres. Eles brincam sem se magoarem, e esperamos que continuem assim. □

O ERRO

Elísio Humberto

Passados anos, regresso ao que fui eu.
Dessa distância sinto-me lembrado
Quando parti num sonho do passado
Pra conquistar um mundo que era meu.

Cego e crente nessa velha história:
"Lá fora é fácil! Tu vais ver que gostas!"
Ninguém ouvi e nem a palmatória
Me impediu de sair, de virar costas.

Louco por abraçar um mundo novo,
Fugí! E era ainda rapaz novo...
Vida de enganos foi o que vivi!

E hoje vejo o erro na lembrança!
Oh! Quem dera voltar a ser criança
E não cometer o erro que cometi!

MIRANDA DO CORVO

Rapazes de Miranda

ARRANJOS — Continua a ser arranjado o rés-do-chão, em especial as pinturas das portas e dos aros de madeira. Como vários peitoris estavam estragados, foi preciso substituí-los por outro material.

ESTUDO E ESCOLAS — Antes do início das aulas, os Rapazes do 1.º Ciclo têm aproveitado a estudar no nosso Centro de Estudo. A partir do dia 14 de Setembro, tem início as aulas para os Rapazes desta Casa que frequentam as seguintes Escolas, desde o 1.º ao 12.º ano: EBI de Rio de Vide, Cen-

tro Educativo da Vila, Escola do Senhor da Serra (Semide), Escola EB 2,3 c/ Sec. de Miranda do Corvo, Escola Tecnológica e Profissional de Sicó (Avelar), CEART e ARCIL (Lousã). Temos de aproveitar bem este ano lectivo, com a ajuda dos nossos professores destacados.

AGROPECUÁRIA — O calor continuou em Setembro e, infelizmente, também os fogos, como em Soure e Penela. Temos andado com o José Fagundo a regar as árvores, os arbustos e os jardins para não secarem. Na cultura do milho grão,

vai ser preciso apanhar as espigas e recolhê-las no nosso celeiro. Um carneiro, do nosso rebanho, foi-se. Da nossa horta, temos apanhado tomate para as saladas. Também temos melancias. As peras (duras, do chão) têm sido cozidas.

CONSULTAS — Estão marcadas muitas consultas, de várias especialidades, no Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra, em especial no Hospital Pediátrico, e até em Lisboa, no Hospital de Santa Maria. Os Rapazes são sempre acompanhados e muito bem tratados. □

SETÚBAL

Padre Acílio

Férias na Arrábida

COMO os Leitores sabem, a Arrábida é o ambiente onde os rapazes desta Casa passam as suas férias de Verão, ocupando os meses de Julho e Agosto.

O nosso lar de férias, situado num lindíssimo lugar, com vistas para o oceano e para a serra, oferece também uma enorme esplanada, cingida de uns alegres de flores variadas, trepadeiras caídas pelo muro, que levanta a dita esplanada, três metros acima da via pública, oferecendo-nos, assim, um recanto único e uma libertação do tremendo bulício humano e rodoviário dos fins-de-semana. É coberta por buganvílias de roxo, vermelho e alaranjado, proporcionando umas espessas sombras, a quem se acolhe para descansar, conviver ou mesmo deleitar-se com uma refeição.

Os rapazes quase sempre aproveitam este ameno sombreado para o almoço e o jantar, gozando a pura e fresquinha aragem daquele microclima especial.

O divertimento mais notável para a malta foi o convívio com os javalis. Já o ano transacto haviam amansado uma ninhada destes animais, dando alimento a uma corpulenta fêmea javali, a quem chamavam *Chica*, e aos seus pequeninos filhotes, de tal maneira que a progenitora subia as escadas e entrava, à vontade, na esplanada, roncando, a pedir de comer.

A certa altura, desapareceu, naturalmente levada pelo cio, e voltou este ano, de novo, rodeada de seis pequeninas crias.

Os rapazes já sabiam a que horas aparecia a *Chica*, acarinhavam a meia dúzia de filhotes e lá estavam com as cascas de batata, de banana, maçã e outras frutas, bem como os restos do almoço e jantar. Faziam-lhes meiguices, coçando-lhes o dorso e a barriga, enquanto os alimentavam.

De tal modo os bichos se familiarizaram com os rapazes que iam ter com eles, quando, no pequeno campo contíguo, jogavam à bola.

Começaram depois a não fugir das pessoas, atravessando devagar a estrada, no meio dos grupos, que lhes achavam imensa graça, tirando-lhes fotografias e parando, espantados, com a mansidão dos bichinhos!

Às tantas, a *Chica* desapareceu. Foi um desgosto!

Quando cheguei para levar mantimentos aos rapazes, nenhum se esquivou a dar-me a notícia, quase a chorar: — *Sabe, mataram a nossa Chica. Ouvimos um tiro, ao escurecer, e deve ter sido então.*

Ficaram os seis porquinhos de mato, que continuaram a fazer o seu papel de atracção aos inúmeros banhistas que os continuaram a fotografar. Eram já animais de mais de dez quilos de peso. Não fugiam. Sentiam-se bem no meio das pessoas, atravessando, descansadamente, a estrada, num espectáculo iné-

dito, para toda a gente e muito mais para os rapazes que observavam as cenas.

De um dia para o outro, faltou um. — *Já são só cinco* —, lamentaram os rapazes. — *Não sabemos quem o caçou! Malvados.*

Depois, desapareceu outro e, no espaço de duas semanas, ficou só um.

Mesmo assim, ontem, o Octávio lá ia com um molho de milho verde e um pão para o solitário bichinho. — *É o único que resta, que gente sem coração.*

Estes animais, além de uma atracção turística, tornaram-se uma delícia para crianças, jovens e adultos. Não havia ninguém que não parasse para contemplar tão raro espectáculo.

A serra proporciona-lhes um *habitat* natural mas o homem, com a sua egoísta gulodice, não se compece de nada!...

Não os alimentou como os Gaiatos, não se familiarizou nem se encantou com eles, amansando-os, mas, agora, mata-os para comer, sem pensar na maravilha que destrói. É pena!

Treino de leitura

DURANTE o Verão, os que permanecemos em Casa, rezamos o Terço ao ar livre, nas arcadas do corredor, enorme, fronteiro ao jardim.

É o lugar mais fresco. Sentamo-nos, uns frente aos outros, fazendo coro de cada lado.

Normalmente, são os do sexto ano que presidem à Oração. Uma semana cada um.

A seguir ao recreio do almoço, pelas três horas da tarde e para evitarmos o sol quente, deixando tempo para o refresco mais prolongado na piscina, após o lanche e duas horas de trabalho.

Para que o calor esmoreça um pouco mais, aproveitamos o tempo, após a Oração, para a leitura de um trecho de Pai Américo, estudado e feito por cada um, depois de o ter lido e interpretado particularmente comigo.

É um exercício público que ajuda os rapazes a vencer o nervosismo pessoal que se apodera insensivelmente de todos, quando não estamos habituados a ler ou a falar perante os outros. É também um momento de os corrigir na sua dicção; abrir a boca nas sílabas com vogais abertas e os treinar no ensaio de reunir as palavras que se devem juntar das que se devem dividir.

O significado de algumas expressões, não usadas na sua linguagem corrente e o enriquecimento do vocabulário de cada um são também frutos desta iniciativa.

Além da Doutrina de Pai Américo, sempre de sabor humano elevado, é uma aula de português, de eloquência, de catequese, de convívio e até de entretenimento. □

BENGUELA

Padre Manuel António

Riqueza humana...

HÁ dias, houve um encontro com o grupo de Rapazes que acompanharam o nascimento das nossas Casas do Gaiato de Angola. Foi uma autêntica maravilha. Acompanhados pelas suas esposas, os seus corações exultavam de alegria. Depois de longo tempo de permanência, crescimento e formação, dentro da comunidade nascente, entraram na vida do jovem normal. Na idade, em que se encontram, entre os 55 e os 70 anos, revivem a hora extraordinária do início das suas vidas na nossa Casa do Gaiato de Benguela e de Malanje. É, na verdade, a manifestação da riqueza humana que Pai Américo semeou, na fundação das primeiras Casas do Gaiato, em Portugal. Esta riqueza corre, como o sangue, pelas veias da vida, até ao fim. Manifesta-se nos sentimentos de gratidão, na alegria por terem crescido, como filhos muito amados pela mãe Casa do Gaiato.

Estes filhos quiseram celebrar o acontecimento deste encontro com a presença da celebração da Eucaristia. Escutaram a Palavra de Deus que é, sem dúvida, o foco de luz que ilumina as suas vidas familiares. O amor que os gerou na Casa do Gaiato é o segredo da sua perseverança. Pai Américo, era conhecedor da situação por que passavam os filhos de África. A fase da sua vida, com vários anos de trabalho nos seus empregos, em Moçambique, antes de regressar a Portugal para o ingresso no Seminário, foi, na verdade, decisiva. O seu coração ficou marcado. Por isso, depois da fundação da Casa do Gaiato, em Portugal, o sonho das Casas do Gaiato, em África, veio ao de cima. Não pôde ver a sua realização, porque a morte levou-o, entretanto, para junto do Pai do Céu. O seu sucessor, o nosso querido Padre Carlos, assumiu com muito amor, esse compromisso. Deste modo, em Novembro de 1963, nasciam as Casas do Gaiato de Benguela e de Malanje, nos corações e nas vidas do Padre Manuel António e Padre Telmo.

Os filhos que se reuniram, no sábado e domingo passados, foram pedras humanas muito preciosas, no alicerce e continuação da Obra. Querem manter a sua fidelidade, até ao fim das suas vidas. Por isso, buscam encontros regulares, onde partilham a riqueza do seu coração, recebida das Casas do Gaiato de Benguela e Malanje. Deste modo, querem levar até ao fim, o amor e a forma de viver que receberam. Quem dera! Cumpre-se, deste modo, que a Obra da Rua, nas suas Casas do Gaiato, é uma grande família que contém em si os elementos precisos para fazer de cada rapaz um homem de bem, se ele quiser. Deste modo, se ele quiser, será, como filho da Obra, o homem útil e prestimoso na sociedade. Nesta circunstância, estou a lembrar a ajuda extraordinária que nos foi dada para a construção da nossa Casa do Gaiato de Benguela. Como foi possível? É a pergunta que nos é feita, muitas vezes. O Povo assumiu a Obra como sua. Os empresários e pessoas que possuíam bens materiais partilhavam os seus bens conosco. O povo, em geral, acompanhava a construção com muito carinho. Deste modo, foi possível avançarmos para a frente, com muita confiança. Nesta fase, em que nos encontramos, é muito necessária a vossa ajuda para a própria sobrevivência. Não temos outra fonte de recursos.

Os pedidos para o acolhimento de crianças abandonadas são sempre cada vez mais numerosos. Neste momento, poderíamos receber um número razoável de novos filhos, se houvesse lugar para empregar um pequeno número de filhos mais velhos. O lugar deles, com a idade que têm, é viver com a sua autonomia. Porém, são necessários meios económicos, fruto do seu trabalho, porque não têm família para o seu alimento, nem casa para viver. Mandá-los para a rua, pura e simplesmente, é lançá-los na perdição. Por isso, vamos continuar à procura da solução verdadeiramente humana, no sentido de salvarmos este grupo de mais velhos e acolhermos mais filhos abandonados. É uma ajuda de alto valor, no momento presente. Este problema é, sem dúvida, um grande problema humano que aflige o nosso coração. Recebi um beijinho dos filhos mais pequeninos da nossa Casa do Gaiato de Benguela. □

MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

Continuação da página 1

e provações. Imploramos de Deus luz e fortaleza, para saberdes trazer o carisma do Padre Américo com a ousadia profética com que ele soube implantar no seu tempo e com o sentido de contemporaneidade evangélica com que ele o fazia. O mundo melhor que todos nós sonhamos e queremos exige esta presença actuante dos profetas e merece esta acção interventiva da Igreja. Uma Igreja que quer ir ao encontro dos que se perdem diariamente em dramas humanos e tragédias sociais sem ninguém atento ou por perto. Muitos parabéns por estes 25 anos, que Deus vos abençoe todos vós membros da Casa da Obra da Rua. E que Deus nos ilumine a todos nós para que cada um no seu nível e segundo a sua responsabilidade saiba continuar a testemunhar esse amor misericordioso do Nosso Deus neste ano

jubilar de misericórdia. Por último quero confiar esta Obra à protecção materna de Nossa Senhora da Conceição, que nesta Igreja é invocada e lembrada de múltiplas formas. Que Ela interceda por nós junto do seu amado Filho e Nosso Senhor Jesus Cristo.» — Dom João Carlos, Bispo Auxiliar de Maputo. No sábado, dia 27, houve um con-

vívio, em nossa Casa, onde apareceram muitos Amigos da cidade. Houve outro para quem não pôde estar presente, este promovido pela Academia do Bacalhau, com distribuição de medalhas comemorativas. Tivemos, ainda, no próprio dia de Pai Américo o encerramento do torneio de futebol. E foi tudo para este ano. □

PENSAMENTO

Pai Américo

Em nome de Deus, solenemente, quero declarar hoje, aos amigos da Obra, que ela foi criada e lançada para amparar dignamente o filho da família pobre. E que, se eu não puder vencer o costume e a opinião e a caridade do mundo — os três inimigos das Obras de Deus — fecho a porta, entrego a chave, dou as boas noites e vou-me embora.

in *Pão dos Pobres*, 2.º vol., p 288

Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa

Tel.: 255 752 285 • Fax: 255 753 799

jornal.o.gaiato@obradarua.org.pt • obradarua@iol.pt

www.obradarua.org.pt facebook.com/Casa.do.Gaiato

IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Proprietário e Editor: Obra da Rua ou Obra do Padre Américo

N.I.P.C. 500 788 898 • N.º de Registo 100398 • Tiragem: 21600

Director: Padre Júlio

Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes (C. P.: TE-555)

Impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa

Redacção e Administração: Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Nos passos das Irmãs de Madre Teresa

Felizes os que servem por amor.
Padre Américo

NESTE tempo, o nosso mundo está menos pacífico, com imensos sofrimentos humanos, misérias extremas e o equilíbrio ecológico em risco sério. A violência tem ocorrido principalmente no Médio Oriente e em África, pelo que a paz na justiça é um desafio permanente, em que a caridade na sua verdadeira aceção não acaba nunca. Estimam-se em 60 milhões as pessoas deslocadas por causa dos conflitos armados.

Por isso, urgem multiplicar-se as graças com mãos humanas e largas. As testemunhas credíveis — *artesãos da misericórdia* — são faróis que ajudam a construir com inúmeros sinais um paradigma social imprescindível — *o bem comum da humanidade*. Quem acredita na promessa divina confia que os pequenos gestos são importantes para mudar o mundo, conforme revelou Madre Teresa de Calcutá: *fazer as coisas pequenas com um amor grande!* Apesar de uma *dolorosa escuridão interior*, irradiou o amor de Jesus no mundo, com as Missionárias da Caridade, no acolhimento de uma multidão de pobres, nomeadamente os mais abandonados e não amados, dos mais pobres dos pobres — *os descartados da sociedade*. Não ignorou o sofrimento humano e procurou aliviá-lo com esperança.

Nasceu em 26 de Agosto de 1910, na actual Skopje, capital

da Macedónia, numa família católica albanesa; e faleceu em 5 de Setembro de 1997. Foi beatificada pelo Papa João Paulo II, em 19 de Outubro de 2003. A Congregação que fundou — Missionárias da Caridade — centrou-se nos pobres de Calcutá, ficando conhecida como a *santa das sargetas*. Entretanto, foi-se espalhando pelo mundo, estando presente em 133 países. Madre Teresa também veio a Portugal em 1982 e 1987, para acompanhar os primeiros passos das comunidades criadas entre nós. Foi assim um acontecimento feliz para a Igreja e para o mundo a sua canonização pelo Papa Francisco, em 4 de Setembro. A mensagem da sua glorificação canónica — *portadora do amor terno e misericordioso de Deus* — é ilustrada com uma criança ao colo, como imagem da sua vida de serviço e amor aos pobres. Foi apresentada como *missionária das periferias* e modelo de santidade para o mundo actual. A sua missão permanece *como um testemunho eloquente da proximidade de Deus junto dos mais pobres entre os pobres*.

Conhecemos estas servas dos pobres em Chelas, na zona oriental de Lisboa, em abrigo modesto num bairro. Foi nessa casa de acolhimento para abandonados, com Capela simples no centro, que nos foi dado encontrar as Missionárias da Caridade e conhecer o seu serviço humilde aos pobres. É razão para dizer, aqui, que os amigos dos pobres se encontram e os bem-aventurados conhecem-

se. Chegámos aí devido à situação da mãe de um rapaz, J. Cá, que já atingiu a maioridade, mas longe da autonomia. Este chegou com junta médica e padeciam de dificuldades. Depois, foi bem operado em Coimbra, no serviço de Cirurgia Cardiorráctica. Sua mãe queria regressar a África e com o filho, que não a poderia acompanhar por necessidade de acompanhamento médico e de enfermagem permanentes. Entretanto, numa acção eclesial concertada, sua mãe também foi acolhida pelas Irmãs da Madre Teresa em Chelas, onde nos encontramos em vários momentos decisivos. Na verdade, cruzámo-nos com o Padre Lucílio, redentorista, e com as Irmãs Lícia (da Índia) e Bogomila (da Albânia), para que conste. Perturbada psiquicamente, porque também longe da sua terra, podemos dizer que chegou a estar em risco a vida das irmãs que dela cuidavam. Testemunhámos, pois, o amparo próximo de uma mãe pobre, encontrada na rua e o seu encaminhamento misericordioso. Junto a uma Embaixada, com o largo Tejo à vista, em 2013 não descortinámos o dia do reencontro da mãe com o filho. Na verdade, como os cuidados de saúde são precários no seu país, o parecer médico não vai nesse sentido. Foi há 7 anos que os nossos passos se encontraram e em boa hora chegámos aos passos das Irmãs da Madre Teresa de Calcutá. Por isso, rejubilamos também por estes dias! *Era estrangeiro e recolhestes-me...* □



DA MISERICÓRDIA Pai Américo

Mescla de humano e de divino, por isso ouves e atendes

Trago hoje a este mirante alguns casos dolorosos, com pedido de que leias e te compadeças.

O primeiro é de um moço saído do hospital «para morrer em casa», como fora aconselhado à sua Mãe. Dá pena ver que os nossos hospitais sejam postos de observação em vez de Casas de Assistência onde se amparasse o doente até à cura final ou morte!

O nosso rapaz saiu e experimentou, nos poucos dias de vida, o heroísmo da Mãe, a simpatia dos vizinhos, o zelo dos Vicentinos; mai-la piedade de quem gosta de fazer bem.

Preparou-se ele mesmo para a morte, em madrugada fria e leito desamparado. «Foi por este livro de Missa que ele se encomendou a Deus e a Nossa Senhora de Fátima», disse-me a Mãe no dia do funeral.

Nós devemos participar no luto de famílias assim. Ficaram mais irmãos mal dormidos e mal vestidos, sujeitos a igual sorte. São nossos! Eu gosto de frisar bem e repetir muitas vezes esta verdade, porquanto o mundo parece fazer outro conceito e chamar outro nome àqueles mesmos a quem Jesus considera e chama Irmãos: «Ide e dizei aos meus Irmãos». Sim; devemos tomar parte nos funerais.

Se a categoria social da gente pobre não obriga, na verdade, a cartões de visita nem anúncios nas gazetas, obriga-nos, sim, a descer e a consolar.

Oh, não te afastes do Pobre, nem na vida nem na morte! A altura da tua categoria há-de ser marcada no descer e consolar doridos. Assim, sim, que és grande. Não vá suceder que te ponhas de cócaras diante dos chamados grandes, por não te saberes abaixar com dignidade na presença dos Pequenos!

Eu celebro e aplico muitas vezes, por alma do Pobre, o Sacrifício Incruento. Eu tenho que eles são da classe que o Senhor nos recomendou e a tal ponto ama, que jamais os tira do mundo: «Haveis de os ter sempre». Ora se é verdade o «quem meu filho ama minha boca adoça», como as Mães afirmam, o que não será dito na hora da morte de quem amou em vida os amigos de Jesus?!

Sim; se entrares numa igreja, na maré em que eu digo Missa, sabe que estou a servir o Pobre no Altar. Dediquei-me a eles, aos seus interesses, à sua causa. E se não ando como eles, descalço e remendado, é por medo que me prendam, que vontade não me falta.

Sim; sirvo os Pobres nas cadeias, nos hospitais, nos tugúrios, nos caminhos — no Altar.

Sirvo os mentirosos, os verdadeiros, os vagabundos, os que insultam; que, se nas camadas baixas há gente de má nota, são, muitas vezes, lições que se aprendem dos que deviam ser mestres.

Do livro *Pão dos Pobres*, 3.º vol., pp 102-104.

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

N^O penúltimo Jornal não aparecemos. Não é que não tivéssemos escrito, mas foram muitos os Leitores que estranharam; pessoalmente e por telefone, quiseram saber se eu estava doente. Nada. Apenas motivo de apreço.

O *Património dos Pobres* não deixou, durante este mês, de acudir a situações dolorosas, cuja descrição roubaria espaço ao Jornal.

Eu não imagino como se resolvem problemas como os que se me foram apresentados, noutras cidades e vilas do País. Não sei. O que me fica na alma é que sou para tantos pobres a Mão da Providência Divina.

A falta de trabalho não especializado é um drama para quem não possui habilitações. Varrer as ruas, servir pedreiros, carregar e descarregar objectos ou produtos, fazer limpezas, lavar loiças e servir às mesas, etc., são actividades que ocupam poucas pessoas, comparativamente com a quantidade dos desempregados, sem habilitações literárias ou para o trabalho.

Um casal sem trabalho é uma família sufocada. Para onde se

há-de voltar? Com crianças, o sofrimento aumenta.

Um par, ele, um homem alto e magro, uma magreza que não se via só na falta de músculos, na saliência dos ossos, mas até na palidez do rosto. Um emagrecimento provocado, não por qualquer clínica moderna a que recorrem os gordos, mas pela falta de comida.

Ela, uma mulher de pequena estatura, não reflectia tanto as carências como o companheiro. Trazia uma criança ao colo de menos de um ano, bastante pálida. Vinham por alimento.

A minha conversa com os pobres é quase sempre igual. Toco os pontos fracos: — *Vocês, de onde são? Onde moram?*

Para o homem: — *Onde trabalhou antes de se desempregar? E nesta situação que faz agora? Como se desenrascam?*

Assim, vou fazendo o meu juízo, aumentando ou diminuindo a minha emoção.

Ela era originária de Santarém e ele de Palmela. Cresceram em famílias desestruturadas, ou melhor, sem ambiente familiar estável.

Ela não estudou. Fez apenas o sexto ano e pouco mais sabe fazer do que limpezas. Ele fora fiel de armazém numa empresa que fechou.

Pobres, desnutridos, mas ao menos sem aparência de miséria. Senti neles alguma dignidade.

Traziam um carrito e, sem qualquer constrangimento, o marido foi buscá-lo e trouxe-o para junto do celeiro, armazém onde guardamos o que nos dão e, por vezes, compramos para dar aos pobres, e estacionou-o à vista de todos, para carregar o avio que as senhoras lhe prepararam.

A renda da casa era outra aflição que só me revelaram após o carregamento das coisas. O senhorio já estava em cima deles pelo atraso do seu pagamento. Sim senhor. Um cheque passado ao dono da habitação deu-lhes algum fôlego, mas os meses passavam tão depressa!

— *Vejam lá. Procurem. Agarrem-se a tudo o que aparecer. O trabalho, além de algum dinheiro, é também remédio contra o desânimo que se pode apoderar de vós.*

Com alimentos, podem contar

todas as quinzenas. Com a renda da casa, eu não me comprometo. Vós tendes que esgravatar para o descobrir, pois o dinheiro está muito caro!

Fui celebrar à Igreja Paroquial de uma grande e laboriosa aldeia. A minha presença fora anunciada pois juntava os meus colegas de curso, em oração.

Tudo correu com a normalidade prevista, excepto o que pessoalmente me surpreendeu: duas senhoras, humildes e profundamente religiosas, esperavam para me falar.

Uma, de lenço na cabeça, xaile sobre os ombros, anos de vida, com cara para quem a vida tem sido dura, trazia cinquenta euros para os meus pobres.

— *Tome lá. Faz-me tão bem ler o que escreve.* — E regalava os olhos, apertando-me as mãos.

Estremeço sempre. Por mais que viva momentos destes, a dádiva repetida, ao longo da história, da pobre viúva do Evangelho, renova sempre o meu gosto da pobreza e a Presença Sobrenatural do Senhor!

A outra, fazia parte do coro, um

conjunto de pessoas maduras, que juntamente com o órgão e o seu executante, nos ajudaram a viver melhor o Mistério Celebrado. Homens e mulheres louvavam a Deus, empurrando, com toda a alma, a assembleia e os padres, no mesmo louvor. Belo!...

Esta vive de uma agricultura de subsistência, com processos artesanais, também em virtude das propriedades serem pequenas. Os trabalhos são sempre realizados à custa do grande esforço físico.

— *Não quer ir à minha casa? Olhe que todos os missionários que por aqui passam, sabem onde ela fica!*

No mês de Outubro e do Rosário preside à oração do Terço e, no fim do mesmo, convida as pessoas a repartirem com os pobres e manda-me o produto da colheita. Agora, pôs-me no bolso, também, cinquenta euros.

Só quem não sabe o que a vida custa, se pode alhear a estas grandezas.

Soube-me muito bem o convívio com os colegas, dois também, dos mais pobres, repartiram comigo, mas o encontro com estas mulheres encheu-me mais a alma! □